

NOTAS SOBRE O MITO E A CRIATIVIDADE: UMA VISÃO PSICANALÍTICA.

Roosevelt M. S. CASSORLA¹

Universidade Estadual de Campinas

Neste trabalho, necessariamente resumido devido às características do Congresso, apresentarei algumas Notas que, espero, informem o leitor sobre um ou outro aspecto relativo a como a psicanálise tem se debruçado sobre o processo criativo. Existem muitos estudos e teorizações valiosas, que não abordarei, fixando-me em uma visão pessoal. Essa visão não contraria as demais.

Considerarei criatividade o processo de nascimento de algo novo. Postulo que ela decorre da possibilidade de articular aspectos do mundo interno do criador, de forma peculiar, que se externaliza de variadas formas. Quando mobiliza sentimentos intensos em grande parte das pessoas que com ela interagem, diremos que a obra é altamente criativa, uma obra de arte (no registro artístico), mas poderá também ocorrer no registro científico ou em outros.

O conceito de mundo interno implica em que existem conteúdos inconscientes, que interagem entre si, sob a forma do que chamamos fantasias inconscientes. O inconsciente é atemporal, anespacial, infinito e ele não segue as normas do pensamento lógico. Nele, tampouco ocorrem contradições, e podemos dizer que seus “personagens” se comportam de forma parecida ao que ocorre num sonho. (O sonho é muito similar ao que encontramos numa obra de arte). Existe uma barreira entre consciente e inconsciente, que impede que o mundo interno se manifeste com vigor na vigília, a não ser através de fantasias e devaneios conscientes. Mas, essa barreira, se suficientemente permeável, colorirá nossa vida, permitindo que suas leis paradoxais se imiscuem no pensamento da vigília. O pensamento onírico da vigília, quanto mais fluente, propiciará uma facilitação do contato com essas fantasias inconscientes, e sua potencial externalização criativa.

Quando não existe possibilidade de pensamento onírico, ou ele está limitado, nos defrontamos com perturbações. Consequentemente o processo de pensar e criar está

¹Professor Titular pela UNICAMP. Membro Titular e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. Paulo. E-mail: cassorla@aleph.com.br

prejudicado, levando, em graus extremos à impossibilidade de simbolizar e entrar em contato com a realidade. Estamos na esfera que chamamos psicótica.

Estou consciente que a condensação efetuada acima, de complexos conceitos psicanalíticos, é de difícil apreensão. Para dissecá-los, tentarei o auxílio de dois mitos, como modelos. Mitos são construções da humanidade que mobilizam emocionalmente as gerações, fornecendo-lhe elementos para que possam situar-se no mundo, reconhecendo os fatos básicos da vida, geralmente ligados a origens, e que não são conscientes. São, por isso, criações artísticas.

Conhecemos o mito edípico principalmente através de uma obra de arte, “Édipo-Rei”, de Sófocles. Em meu resumo introduzirei elementos que, espero explicitem o nosso tema.

Laio, rei de Tebas, fora amaldiçoado, e sabia pelo oráculo que se tivesse um filho este o mataria. Jocasta, sua mulher, o embebeda e temos um primeiro ato criativo, a fecundação, de onde resultará o bebê, futuro Édipo. Simbolicamente, Laio não aceita que as gerações mais novas substituam as mais velhas. Manda matar o bebê, expondo-o aos animais selvagens, furados seus tornozelos. O pastor que deverá efetuar esse ato se condói do bebê e o entrega a um servidor da casa de Corinto, onde os reis, Políbio e Mérope, eram estéreis. Estes adotam Édipo, alcunha que significa pés furados, e o tratam como príncipe, sem que ele saiba sua origem. Em termos psicanalíticos, Édipo foi abandonado pelos pais e introjetou em seu mundo interno objetos rejeitantes e assassinos. É assim que ele, potencialmente, veria o mundo: perseguidor, sentindo-se frágil, por não ter uma estrutura amorosa, coesa, que o sustentasse. É a isso que se refere o defeito dos alicerces-pés, que o obrigará a andar manco emocionalmente pelo restante de sua vida. Essa falta de alicerces dificultará o desenvolvimento da capacidade de pensar e criar, já que para que isso ocorra há que haver fecundação amorosa de fantasias, afetos, proto-idéias, mas falta a “cola”, produto do amor, que una tudo isso. A repulsão predominaria, não fosse, penso eu, o acolhimento por figuras parentais substitutas: os pastores e os reis de Corinto. O amor destes funcionará como uma prótese numa mente quase estilhaçada. Mas, esta experiência, de ameaça de estilhaçamento continua agindo inconscientemente, concomitante com os outros aspectos.

Quando jovem Édipo desconfia que não seria filho legítimo e vai ao oráculo de Delfos investigar. É praticamente expulso como maldito, pois se lhe afirma que matará o pai e se casará com a mãe. Ora, simbolicamente, todos nós mataremos nossos pais e vivíamos fundidos a nossas mães, “casados” com ela. Édipo não pôde efetuar a simbiose natural do bebê que se descasa, aos poucos, da mãe. Se isso ocorresse ele tomaria contato com a dialética eu-tu, percebendo a existência de dois indivíduos separados, “descasados”. E, conseqüentemente, existem outros, três e mais, o mundo paradisíaco, pleno, sem frustrações, tendo seu fim. O primeiro outro será o pai, rival e figura de identificação, que substituiremos após sua morte, na continuidade das gerações. Existe uma fantasia arcaica que sua morte permitiria voltar a termos a mãe só para nós, refeita a fusão. Essa é uma das bases do complexo edípico.

Proponho aqui, que se não morrêssemos, não haveria necessidade de termos filhos. Isso nos abre a possibilidade de que a consciência da morte, seja a base da criatividade.

Interrompamos o relato de Édipo e pensemos sobre o mito do Éden. Adão e Eva viviam sem necessidades, até que desobedeceram os preceitos divinos e comeram da árvore do conhecimento. Envergonharam-se de estarem nus e cobriram seus genitais. Foram condenados por Deus a parir com dor e trabalhar com o suor de seu rosto. Mais ainda, tornaram-se mortais. Proponho que a árvore do conhecimento simboliza a capacidade de perceber a realidade, pensá-la e transformá-la, atividades essas não necessárias no paraíso-útero. Pensar implica em criar, e somente se cria com o suor e a dor, através dos órgãos procriativos, incluindo a mente, ainda que sejamos premiados com o prazer que essas atividades nos fornecem. Que, não por acaso, costuma vir carregado de culpa.

Mas, mais importante, pensar implica em se tomar consciência de que se é mortal. E, isso é terrível. Penso que esse é o pecado original: desenvolvendo a capacidade de pensar descobrimos que somos mortais. A morte não é o castigo: a ousadia de tomar consciência dela a faz parecer assim, tomando-se o efeito como a causa. Se, como os animais, de nada soubéssemos, não sofreríamos, mas tampouco seríamos humanos. Cobrir os órgãos procriativos implica em esconder a criatividade, e, com isso fugir do desespero de saber-se mortal. No entanto, por mais que escondamos, não podemos fugir da realidade, a não ser que psicotizemos. Dessa forma, desencadeia-se a necessidade de algum tipo de

imortalidade: deixamos nossos rastros pela terra através de nossas criações, filhos e obras científicas ou artísticas, por exemplo.

Neste momento, efetuei a hipótese que se cria quando se tem consciência da morte. Mas, isso não é suficiente. Por vezes, essa consciência é tão catastrófica, que a desagregação psicótica se impõe, paralisando o pensamento e a criatividade. Ataques invejosos aos elos de ligação mentais (produtos do amor), base para a criação, são espelhos da inveja que “Deus”, nosso super-ego destrutivo, terá de nossa capacidade criativa. Essas pessoas poderão reconstituir seus aspectos de vinculação e amor através do processo psicanalítico. E, poderão tornar-se criativas.

Édipo sai do oráculo desesperado, confuso e melancólico. Mais uma desgraça em sua vida, que mobilizará as antigas, do bebê, gravadas em sua mente. Para evitar matar seu pai e desposar sua mãe, em Corinto, ele procura ir em outra direção. Vejo o jovem, mancando, com a ajuda de um bastão, sentindo-se injustiçado e culpado, mas não podendo pensar e simbolizar esses sentimentos. Tem todas as características do melancólico psicótico, potencialmente suicida, que encontramos na clínica psicanalítica.

Curiosamente se dirige a Tebas, em cuja entrada existe uma Esfinge que mata os jovens que não decifram seus enigmas. Penso que se trata de uma ordália. Édipo procura deixar à sorte a decisão se merece ou não viver. Ele precisa, desesperadamente, saber se predominam em seu mundo interno aspectos bons, de vida, ou maus, de morte. Eros x Tânatos. Se não decifrar o Enigma, Tânatos triunfa. Mas, ele o decifra. Quem anda de manhã com quatro pés, ao meio dia com dois e à noite com três, é um enigma fácil para quem tem a experiência vivencial do jovem manco, e comprova que tem recursos mentais para pensar suas emoções. Assim, ele prova a si mesmo, que predominam os aspectos amorosos em seu mundo interno.

Proponho que a Esfinge funcionou como substituto materno e paterno, a figura combinada dos pais, inicialmente figura terrível, cuja destrutividade se transformará em amor, se o bebê introjeta carinho. Assim, realística e projetivamente pode verificar que seus pais também se amam, ele sendo o produto desse amor. Essa figura descrita acima, de origem filogenética, faz parte de nossas fantasias inconscientes arcaicas. Após ouvir o Enigma Édipo aponta para si: a resposta é Eu, o Homem. E, a Esfinge se mata.

Aqui aparece a criatividade. Por que Édipo foi o único criativo, o decifrador, entre tantos jovens que a Esfinge matou ? Porque ele é especialista em alicerces emocionais, equacionados a pés. Ele vivenciou o engatinhar em “vidros salpicados pelo chão”, como tão bem capta nosso poeta Chico Buarque ao cantar a inveja e ciúme edípicos. E já é um velho-jovem, com seu bastão, terceiro pé. Sabe agora que, junto com os alicerces furados, os vazios mentais, existem conteúdos amorosos, fecundantes, certamente fruto de suas várias figuras adotivas. Incluindo seus pais reais, que curiosamente não o abortaram, nem quiseram confirmar sua morte, o que demonstra sua ambivalência entre amor e ódio.

A Esfinge se mata porque não é mais necessária. Édipo dessimbiotizou-se, é um Homem, e não precisa mais manter-se colado à mãe-esfinge. Mas, repetirá esse mecanismo adiante, casando-se com Jocasta, numa demonstração de que a solução-elaboração não foi completada adequadamente.

Em resumo, proponho que a criatividade surge no interjogo entre o sofrimento mental e a capacidade de pensá-lo. Essa capacidade se constitui se existe amor suficiente, o bebê introjetando esses aspectos das figuras parentais. Mas, sempre existe dor mental. Se ela predomina, e não é pensável por déficit da função “pensamento”, estaremos na esfera das limitações emocionais, sem condições de simbolização. Se ela existe, em determinado grau, e é pensável, estaremos a um passo da criatividade.

Agora, algumas palavras sobre a obra magna. Para que ela ocorra a capacidade de pensar, descrita acima, tem que ser suficientemente permeável às fantasias inconscientes. A identificação com figuras criativas me parece importante. O inconsciente se externalizará, simbolicamente, em formas peculiares. A capacidade de que essa obra mobilize as fantasias inconscientes do outro, que se identificará com ela e com aspectos do autor, criando uma nova obra, produto da interação de dois inconscientes, é que a tornará magna. Sófocles fez isso com Édipo: todos nos emocionamos ao ler as vicissitudes do herói, que são similares às que vivemos, e que ficaram registradas em nosso inconsciente. Sófocles as mobiliza. Daí decorre que o paciente da obra de arte também tem que participar, mas ele o fará se o artista tiver a capacidade de tornar mais permeável a barreira consciente-inconsciente do espectador, leitor ou ouvinte.

Ainda há muito que caminhar no determinar as características desses artistas que produzem obras magnas. A capacidade de reparar, de sublimar, parece que está ligada a uma conjunção específica para cada um, que envolve estragos não irreparáveis, inveja não tão intensa e capacidade de amor e gratidão suficiente. Tudo isso tem a ver com fatores constitucionais sobre os quais se inserem as experiências precoces de vida (área da psicanálise) e o ambiente sócio-cultural, que proporciona condições a que essa criatividade potencial se manifeste.

Devo interromper o relato do mito, mas gostaria de lembrar que Édipo terá uma recaída, muitos anos após, quando a peste atinge Tebas. Simbolicamente, quando seus estragos internos são revividos, a peste sendo uma metáfora da ameaça de desestruturação e morte de sua mente. É neste momento que se inicia a peça de Sófocles, e a riqueza dos diálogos que externalizam os mecanismos mentais de todos os personagens, se constitui na obra de arte. A peste somente cessará se se descobrir quem matou Laio. A coragem com que Édipo persegue a verdade, independente das consequências (pois, tudo indica que ele tem elementos para saber que é o assassino, mas esconde isso de si mesmo), creio que está do lado de Eros. A arrogância, a curiosidade mórbida e a estupidez, tríade que indicam desestruturação psicótica para os psicanalistas, está do lado de Tânatos. Penso que Eros vence de novo, ainda que seja necessário purgar as culpas. Em “Édipo em Colona” o vemos reconhecido como herói, que santificará Atenas, produto de todas essas vicissitudes. Vicissitudes pelas quais todos os seres humanos passamos.

Finalmente, gostaria de citar Proust, que buscava o tempo passado, e o leitor perceberá que ele intui algo que não destoa das hipóteses efetuadas acima: “Il fallait... faire sortir de pénombre ce que j’avais senti, de le reconvertir en un équivalent spirituel. Or ce moyen qui me paraissait le seul qu’était-ce autre chose que de créer une oeuvre d’art” (“Era preciso... recapturar das sombras o que eu sentira, convertê-lo em seu equivalente espiritual. Mas esse modo que me parecia ser o único, o que era a não ser criar uma obra de arte ?”). Aqui, penso, ele fala de poder entrar em contato com seu mundo interno. Também diz: “On ne peut recréer ce qu’on aime qu’en le rennonçant” (“Somente podemos recriar o que amamos renunciando a ele”). E, “un livre est un vaste cimetière où sur la plupart des

tombes on ne peut lire les noms effacés” (“um livro é um vasto cemitério onde, na maioria das sepulturas, já não se podem ler os nomes apagados”).

Nas últimas duas frases, ainda que Proust não se refira claramente aos processos de reparação, descritos pela psicanálise, nas entrelinhas os encontramos. E, por isso nos fala da vida que surge da morte, esta sendo necessária para que haja condições de fecundação e criatividade. E, assim continuamos o ciclo generacional: idéias e seres humanos morrendo, criando para sobreviver simbólicamente, e estas criações morrendo ou ficando como testemunhos para as outras gerações.

Esta é minha pequena contribuição a este Simpósio, uma contribuição que espero seja suficientemente aberta no sentido de estimular a fecundação com outras idéias, nascendo algo novo, resultado de processo criativo.